

Articles for The New Moral World by Frederick Engels<sup>a</sup>

## Progress of Social Reform on the Continent

[Progresso da reforma social no continente]

Tradução: Ronaldo Vielmi Fortes

Revisão: Elcemir Paço Cunha

### Apresentação<sup>b</sup>

[...]

No final de 1842 Engels foi para a Inglaterra onde conheceu a pátria-mãe do capitalismo, o proletariado moderno e seu primeiro movimento político de massa independente, o Cartismo. Aqui ele se tornou um revolucionário proletário e comunista. Posteriormente, Engels avaliou a importância da estadia na Inglaterra para o desenvolvimento de seus pontos de vista da seguinte maneira:

Em Manchester, fiquei impressionado com o fato de que os fatos econômicos, que não desempenharam nenhum papel ou apenas um papel desprezível na historiografia anterior, são pelo menos no mundo moderno um poder histórico decisivo; que eles formam a base para o surgimento dos atuais antagonismos de classe; que esses antagonismos de classe nos países onde se desenvolveram plenamente graças à grande indústria, ou seja, especialmente na Inglaterra, são novamente a base da formação dos partidos políticos, das lutas partidárias e, portanto, de toda a história política. (MARX-ENGELS WERKE - Band 21 - Friedrich Engels - Mai 1883-Dezember 1889, p. 211)

---

<sup>a</sup> Tradução de artigo do jovem Engels em comemoração ao bicentenário de seu nascimento. O artigo ora traduzido marca o início da colaboração de Engels com o jornal *The New Moral World*. O periódico foi um dos primeiros jornais socialistas do Reino Unido. A publicação foi lançada por Robert Owen em novembro de 1834 como sucessora do jornal *Crisis*. Foi publicado em dois números da revista, nr. 19 de 04 de novembro de 1843 e nr 21 de 18 de novembro de 1843. No texto Engels esboça uma descrição dos principais movimentos socialistas de sua época, aborda as principais correntes do movimento na França, na Alemanha e na Suíça. A intervenção de Engels aponta para a necessidade da integração do movimento socialista no continente, para tanto, conhecer suas variantes nos países industrializados torna-se essencial para somar forças em vistas da transformação social. O artigo testemunha os passos iniciais do jovem pensador no interior do pensamento propriamente comunista, em clara ruptura com o ideário democrático burguês e com o pensamento político dos neohegelianos.

<sup>b</sup> Excerto de *Vorwort*, de *MARX-ENGELS WERKE, Band 1, 1841-1844*; Berlin: Dietz Verlag, 1981; p. XV-XVIII. Traduzido do alemão por Ronaldo Vielmi Fortes.

[...] Ao examinar a posição dos trabalhadores ingleses e seu papel na vida pública, ele concluiu que o proletariado era a força social progressista que provocaria uma convulsão social na Inglaterra. Engels descreveu com profunda simpatia a luta dos trabalhadores ingleses, a atividade dos cartistas e socialistas na Inglaterra e também iluminou a luta de libertação do povo irlandês contra a opressão nacional e colonial.

Suas ligações estreitas com os cartistas e os socialistas ingleses, que apoiavam as idéias de Robert Owen, permitiram que Engels fizesse um relato completo do papel desses movimentos na vida social da Inglaterra nas "Cartas de Londres", escritas para a revista "Schweizerischer Republikaner". Ele se referiu ao "rápido progresso" do cartismo, que "tem sua força nos trabalhadores, os proletários" (ver volume anterior, p. 468), e enfatizou a crescente influência da National Charter Association sobre as massas trabalhadoras. Ele também valorizou as diversas atividades dos socialistas na educação das classes trabalhadoras na Inglaterra, com destaque para a disseminação das idéias filosóficas do Iluminismo francês do século XVIII.

Em 1843, Engels começou a participar nos órgãos de imprensa dos cartistas e dos owenistas. Ele se propôs a apresentá-los ao movimento socialista e comunista no continente europeu. Esse foi o objetivo dos artigos "Avanços na Reforma Social no Continente" e "Movimentos no Continente", publicados na revista *The new moral world*. Neles, Engels caracterizou o desenvolvimento das ideias comunistas na França, Suíça e Alemanha, escrevendo não apenas sobre os lados positivos das várias escolas do socialismo utópico e do comunismo, mas também apontando as deficiências que fizeram com que muitas dessas escolas tenham vida curta. Uma das conclusões fundamentais desses estudos foi: "Tais são os três grandes países civilizados Europa, Inglaterra, França e Alemanha chegaram à conclusão de que uma revolução abrangente: das relações sociais baseadas na propriedade comum tornou-se agora uma necessidade urgente e inevitável ... não pode haver evidência mais forte do que esta que o comunismo não é apenas consequência do especial É uma conclusão necessária que deve inevitavelmente ser tirada das pressuposições dadas nas condições gerais da civilização moderna." (Veja o volume anterior, p.480.)

Esses artigos mostram claramente a transição de Engels de democrata revolucionário para comunista, que chega ao fim com suas contribuições para os "Anuários franco-alemães". Seus artigos neste jornal também mostram que agora ele está finalmente se libertando de visões idealistas e assumiu posições consistentemente materialistas. [...]

## Progresso da reforma social no continente<sup>c</sup>

*The New Moral World* No. 19, November 4, 1843<sup>1</sup>

Sempre foi, em certa medida, surpreendente para mim, desde que me encontrei com socialistas ingleses, descobrir que a maioria deles está muito pouco familiarizada com o movimento social que ocorre em diferentes partes do continente. E, no entanto, há mais de meio milhão de comunistas na França, sem levar em conta os Fourieristas e outros reformadores sociais menos radicais; há associações comunistas em todas as partes da Suíça, enviando missionários para a Itália, Alemanha e até Hungria; e a filosofia alemã, após um longo e problemático circuito, finalmente se estabeleceu no comunismo.

Assim, os três grandes e civilizados países da Europa - Inglaterra, França e Alemanha, chegaram à conclusão de que uma completa revolução dos mecanismos sociais, baseada na comunidade de propriedade, tornou-se agora uma necessidade urgente e inevitável. Esse resultado é ainda mais impressionante uma vez que foi alcançado por cada uma das nações referidas, de maneira independentemente uma das outras; um fato, do qual não pode haver prova mais forte, que o comunismo não é a consequência da posição particular dos ingleses, ou de qualquer outra nação, mas que é a conclusão necessária, que não se pode evitar de ser esboçada das premissas dadas nos fatos gerais da civilização moderna.

Deve, portanto, parecer desejável que as três nações devam se entender, saber em que pontos concordam e em que pontos discordam; porque deve haver desacordo também, devido à origem diferente da doutrina da Comunidade em cada um dos três países. Os ingleses chegaram à conclusão *praticamente*, pelo rápido aumento da miséria, desmoralização e pauperismo em seu próprio país: os franceses chegaram *politicamente*, reivindicando primeiro liberdade política e igualdade; e, achando isso insuficiente, adicionaram liberdade social e igualdade social às suas reivindicações políticas: os alemães tornaram-se comunistas *filosoficamente*, ao raciocinar sobre os primeiros princípios. Sendo esta a origem do socialismo nos três países, deve haver diferenças em pontos menores; mas acho que poderei mostrar que essas diferenças são muito insignificantes e bastante consistentes com o melhor sentimento por parte dos reformadores sociais de cada país para com os do outro. O que se quer é que se

---

<sup>c</sup> Traduzido por Ronaldo Vielmi Fortes. Revisado por Elcemir Paço Cunha. Artigo traduzido diretamente da publicação original em inglês editada por *Marx & Engels Collected Works - Volume 03 [Marx-Engels, 1843-44]*; New York, International Publishers, 2005. O texto foi cotejado com a tradução alemã consultada na *Werke Marx Engels, Band I*. As notas extraídas da *Collected Works* foram referidas como [N.E.I.] e as notas extraídas da edição alemã receberam a seguinte notação: [N.T.A.]. [N.T.] corresponde a notas acrescentadas por esse tradutor.

<sup>1</sup>[N.T.A.] O artigo também foi publicado de forma abreviada no "The Northern Star" nos dias 11 e 25 de novembro.

conheçam; obtido isso, estou certo de que todos eles terão os melhores votos de sucesso para seus irmãos comunistas estrangeiros.

## França

A França é, desde a Revolução, o país exclusivamente político da Europa. Nenhuma reforma, nenhuma doutrina pode obter importância nacional na França, a menos que sejam corporificadas em alguma forma política. Parece ser a parte que a nação francesa ter precisa desempenhar no presente estágio da história da humanidade, passar por todas as formas de desenvolvimento político e chegar, desde um começo meramente político, ao ponto onde todas as nações, todos caminhos diferentes, devem se encontrar no comunismo. O desenvolvimento da opinião pública na França mostra isso claramente, e mostra ao mesmo tempo, qual deve ser a história futura dos cartistas ingleses.

A Revolução Francesa foi a ascensão da democracia na Europa. A democracia é no fundo, como considero todas as formas de governo, uma contradição em si mesma, uma inverdade, nada além de hipocrisia (teologia, como nós, alemães a chamamos). Liberdade política é liberdade simulada, a pior escravidão possível; a aparência da liberdade e, portanto, a realidade da servidão. A igualdade política é o mesmo; portanto, a democracia, assim como todas as outras formas de governo, deve fundamentalmente despedaçar-se: a hipocrisia não pode subsistir, a contradição nela oculta deve aparecer; ao invés de uma escravidão regular - isto é, um despotismo indistinto -, devemos ter a liberdade real e igualdade real, isto é, o comunismo. Ambas as consequências surgiram na Revolução Francesa; Napoleão estabeleceu a primeira e Babeuf a segunda. Acho que posso ser sucinto no assunto do babouvismo, já que a história de sua conspiração, por Buonarroti<sup>2</sup>, foi traduzida para a língua inglesa<sup>3</sup>. O complô comunista não teve sucesso, porque o próprio comunismo de então era muito rude e superficial; e por que, por outro lado, a opinião pública ainda não estava suficientemente avançada.

Outro reformador social francês foi o conde de Saint-Simon. Ele conseguiu formar uma seita e até mesmo algumas instituições; nenhuma das quais foi bem-sucedida. O espírito geral

<sup>2</sup> [N.E.I.] Ph. Buonarroti, *Conspiration pour l'égalité dite de Babeuf, suivie du procès auquel elle donna lieu, et des pièces justificatives, etc.*—Ed.

<sup>3</sup> [N.E.I.] A tradução para o inglês do livro de Buonarroti foi publicada em Londres em 1836 sob o título *Buonarroti's History of Babeuf's Conspiracy for Equality, with the Author's Reflections on the Causes and Character of the French Revolution, and His Estimate of the Leading Men and Events of that Epoch* [História da conspiração de Babeuf para a igualdade de Buonarroti, com as reflexões do autor sobre as causas e o caráter da Revolução francesa e sua estimativa dos homens principais e eventos daquela época]. A tradução foi feita por Bronterre O'Brien, um dos líderes e teóricos do cartismo.

das doutrinas de Saint-Simon é muito parecido com o dos *Socialists Ham-Common*<sup>4</sup>, na Inglaterra; embora, nos *detalhes* das disposições e ideias, haja uma grande diferença. As singularidades e excentricidades dos saint-simonianos muito cedo se tornaram vítimas do humor e da sátira franceses; e tudo que se torna ridículo está inevitavelmente perdido na França. Mas, além disso, havia outras causas para o fracasso das instituições saint-simonianas; todas as doutrinas deste partido foram envoltas nas nuvens de um misticismo ininteligível, que, talvez, de início, atraiu a atenção do povo; mas, finalmente, deixou suas expectativas frustradas. Seus princípios econômicos também não eram irrepreensíveis; a participação de cada um dos membros de suas comunidades na distribuição da produção deveria ser regulada, em primeiro lugar, pela quantidade de trabalho que realizasse; e, em segundo lugar, pela quantidade de talento que demonstrava. Um republicano alemão, Boerne, respondeu com justiça a este princípio, que o talento, em vez de ser recompensado, deve ser considerado uma inclinação natural; e, portanto, uma dedução deve ser feita da parte dos talentosos, a fim de restaurar a igualdade.

O Saint-Simonismo, depois de ter aguçado, como um meteoro brilhante, a atenção do pensamento, desapareceu do horizonte social. Ninguém agora pensa ou fala nele; seu tempo já passou.

Quase ao mesmo tempo de Saint-Simon, outro homem dirigiu a atividade de seu poderoso intelecto para a organização social da humanidade - *Fourier*. Embora os escritos de Fourier não exibam aquelas centelhas brilhantes de gênio que encontramos em Saint-Simon e alguns de seus discípulos; embora seu estilo seja duro, e mostre, em grande medida, o labor com que o autor está sempre trabalhando para trazer suas ideias e falar coisas para as quais nenhuma palavra é fornecida na língua francesa – não obstante, lemos seu trabalho com maior prazer; e encontramos mais valor real neles do que nos da escola anterior. Há misticismo também, e tão extravagante quanto qualquer outro, mas se se cortar isso e pôr de lado, permanecerá algo que não pode ser encontrado entre os saint-simonianos - pesquisa científica, pensamento frio, imparcial e sistemático; em suma, *filosofia social*; enquanto o Saint-Simonism só pode ser chamado de *poesia social*. Foi Fourier, que, pela primeira vez, estabeleceu o grande axioma da filosofia social, que todo indivíduo com uma inclinação ou predileção por algum tipo particular de trabalho, a soma de todas essas inclinações de todos os indivíduos deve ser, no todo, um poder adequado para atender às necessidades de todos. A partir deste princípio,

<sup>4</sup> [N.T.A.] Grupo de socialistas utópicos ingleses que fundaram a colônia comunal "*Concordium*" em Ham Common, perto de Londres, em 1842. Como seguidores do místico inglês J.P. Greaves, eles pregavam o aperfeiçoamento moral e um modo de vida ascético. A colônia só existiu por um curto período.

segue-se que, se cada indivíduo for deixado à sua própria inclinação, para fazer e deixar o que lhe agrada, as necessidades de todos serão supridas, sem a força dos meios usados pelo atual sistema de sociedade. Esta afirmação parece ousada e, no entanto, após o modo de Fourier de estabelecê-la, é bastante inexpugnável, quase auto-evidente - o ovo de Colombo. Fourier prova que todo mundo nasce com inclinação para algum tipo de trabalho, que a *ociosidade absoluta* é um absurdo, uma coisa que nunca existiu e não pode existir: que a essência da consciência humana é ser ela mesma ativa e pôr o corpo em atividade; e que, portanto, não há necessidade de tornar as pessoas ativas pela força, como no estado atual da sociedade, mas apenas para dar a sua atividade natural a direção certa. Prossegue comprovando a identidade do trabalho e da fruição e mostra a irracionalidade do atual sistema social, que os separa, tornando o trabalho uma labuta e colocando a fruição acima do alcance da maioria dos trabalhadores; ele mostra ainda como, sob ordenamentos racionais, o trabalho pode ser realizado, o que é mesmo pretendido que seja, um prazer, deixando cada um seguir suas próprias inclinações. Não posso, é claro, acompanhar Fourier em toda a sua teoria do *trabalho livre*, e acho que isso será suficiente para mostrar aos socialistas ingleses que o fourierismo é um assunto merecedor de sua atenção<sup>5</sup>.

Outro mérito de Fourier é ter mostrado as vantagens, ou melhor, a necessidade da associação. Bastará apenas mencionar este assunto, pois sei que os ingleses têm plena consciência de sua importância.

Há uma inconsistência, no entanto, no fourierismo, e também muito importante, que é sua não abolição da propriedade privada. Em seus *Phalanstères* ou estabelecimentos associativos, há ricos e pobres, capitalistas e trabalhadores. A propriedade de todos os membros é colocada em um capital social, o estabelecimento desenvolve o comércio, a agricultura e a indústria manufatureira, e os rendimentos são divididos entre os membros; uma parte como salário do trabalho, outra como recompensa por habilidade e talento e uma terceira como lucros do capital. Assim, depois de todas as belas teorias de associação e trabalho livre; depois de uma boa dose de indignada declamação contra o comércio, o egoísmo e a competição, temos na prática o velho sistema competitivo com base em um plano melhorado, uma fortaleza da lei pobres fundada em princípios mais liberais! Certamente, aí não podemos nos deter; e os franceses também não se detiveram aí.

---

<sup>5</sup> [N.E.I.] Os editores de *The New Moral World* forneceram a seguinte nota a esta passagem: "Alguns anos desde que demos uma exposição completa do sistema em uma série de artigos neste Journal." O autor da nota se referia a duas grandes séries de artigos: "Socialismo na França. Charles Fourier" e "Fourierismo"; o primeiro foi publicado no *The New Moral World* em 1839 (Nos. 45-46, 48, 49), o segundo em 1839-40 (Nos. 53, 55, 57, 61-63, 71, 73-75).

O progresso do fourierismo na França foi lento, mas regular. Não há muitos fourieristas, mas eles contam entre eles uma porção considerável do intelecto agora ativo na França. Victor Considérant é um de seus escritores mais inteligentes. Eles também têm um jornal, o *Phalange*, anteriormente publicado três vezes por semana, agora diariamente<sup>6</sup>.

Como os Fourieristas são agora representados na Inglaterra também pelo Sr. Doherty, acho que devo ter dito o suficiente a respeito deles; devo agora passar para o partido mais importante e radical da França, os comunistas.

Eu disse antes que tudo o que reivindica importância nacional na França deve ser de natureza política, ou não terá sucesso. Saint-Simon e Fourier não tocaram de modo algum em política, e seus esquemas, portanto, tornaram-se não propriedade comum da nação, mas apenas assuntos de discussão privada. Vimos como o comunismo de Babeuf surgiu da democracia da primeira revolução. A segunda revolução, de 1830, deu origem a outro comunismo mais poderoso. A “grande semana” de 1830<sup>7</sup> foi realizada pela união das classes média e operária, dos liberais e dos republicanos. Feito o trabalho, as classes trabalhadoras foram dispensadas e os frutos da revolução foram tomados apenas pelas classes médias. Os trabalhadores fizeram várias insurreições, pela abolição do monopólio político e pelo estabelecimento de uma república<sup>8</sup>, mas sempre foram derrotados; a classe média não tendo apenas o exército a seu lado, mas formando ela mesma a guarda nacional. Durante essa época (1834 ou 1835), uma nova doutrina surgiu entre os trabalhadores republicanos. Eles viram que, mesmo depois de terem sucesso em seus planos democráticos, eles continuariam sendo ludibriados por seus líderes mais talentosos e mais bem educados, e que sua condição social, a causa de seu descontentamento político, não seria melhorada por nenhuma mudança política. Eles se referiam à história da grande revolução e se apegaram avidamente ao comunismo de Babeuf.

Isso é tudo que pode, com segurança, ser afirmado a respeito da origem do comunismo moderno na França; o assunto foi discutido pela primeira vez nos becos escuros e vielas lotadas do subúrbio parisiense de *Saint-Antoine*, e logo depois nas assembléias secretas de conspiradores. Quem sabe mais sobre a sua origem tem muito cuidado de guardar para si o

<sup>6</sup> [N.E.I.] Os editores de *The New Moral World* deram a seguinte nota a esta passagem: "Agora intitulado *Démocratie Pacifique*". Além do jornal *La Démocratie Pacifique*, publicado desde agosto de 1843, os Fourieristas continuaram a publicar *La Phalange* como um jornal teórico.

<sup>7</sup> [N.E.I.] Ou seja, de 27 de julho a 20 de agosto, o auge da revolução de julho.

<sup>8</sup> [N.E.I.] Engels se refere aqui a uma série de ações armadas do proletariado francês dirigidas contra o regime da monarquia burguesa de julho e também à participação ativa dos trabalhadores nas revoltas lideradas pelas sociedades secretas republicanas. Os principais eventos na década de 1830 foram: os levantes dos trabalhadores de Lyon no final de novembro de 1831 e em abril de 1834, e também revoltas republicanas em Paris em 5 de junho de 1832, 13 a 14 de abril de 1834 e 12 de maio de 1839, o principais participantes em que eram trabalhadores.

conhecimento, a fim de evitar o “braço forte da lei”. No entanto, o comunismo se espalhou rapidamente por Paris, Lyon, Toulouse e outras grandes cidades industriais do país; várias associações secretas se seguiram, entre as quais os “*Travailleurs Egalitaires*”<sup>9</sup>, ou *Equalitarian Working Men*, e os *Humanitarians*<sup>10</sup>, eram as mais consideráveis. Os *Equalitarians* eram um “grupo rude”, como os Babouvists da grande revolução; eles pretendiam fazer do mundo uma comunidade de trabalhadores, desprezando todo refinamento da civilização, ciência, belas-artes etc., como luxos inúteis, perigosos e aristocráticos, um preconceito necessariamente decorrente de sua total ignorância da história e da economia política. Os *Humanitarians* eram conhecidos principalmente por seus ataques ao casamento, à família e a outras instituições semelhantes. Ambos, bem como dois ou três outros partidos, tiveram vida muito curta, e a grande maioria das classes trabalhadoras francesas adotou, muito cedo, os princípios propostos por M. Cabet, “Père Cabet” (Padre C.), como é chamado, e que são conhecidos no continente com o nome de Comunismo Icário.

Este esboço da História do Comunismo na França mostra, em certa medida, qual deve ser a diferença entre o comunismo francês e o inglês. A origem da reforma social, na França, é política; constata-se que a democracia não pode proporcionar uma igualdade real e, portanto, o esquema comunitário é chamado em seu auxílio. A maior parte dos comunistas franceses são, portanto, republicanos; eles querem um estado comunitário de sociedade, sob uma forma republicana de governo. Bem, eu não acho que os socialistas ingleses teriam sérias objeções a isso; porque, embora sejam mais favoráveis a uma monarquia eletiva, sei que são muito esclarecidos para impor seu tipo de governo a um povo totalmente contrário a ele. É evidente que tentar isso envolveria essas pessoas em desordens e dificuldades muito maiores do que surgiriam de seu próprio modo democrático de governo, mesmo supondo que isso fosse ruim.

Mas há outras objeções que poderiam ser feitas aos comunistas franceses. Eles pretendem derrubar o atual governo de seu país pela força, e têm demonstrado isso por meio de sua política contínua de associações secretas. Isso é verdade. Mesmo os Icarianos, embora declarem em suas publicações que abominam as revoluções físicas e as sociedades secretas, até mesmo eles são associados dessa maneira e aproveitariam com prazer qualquer oportunidade para estabelecer uma república pela força<sup>11</sup>. Isso será objetado, ousado dizer, e com razão, porque,

<sup>9</sup> [N.T.A.] *Trabalhadores igualitários*, uma sociedade secreta dos comunistas franceses fundada em 1840, base de apoio de Babeuf. Seus membros foram sobretudo trabalhadores.

<sup>10</sup> [N.T.A.] *Humanitários*, formaram igualmente uma sociedade secreta apoiadora de Babeuf, constituída em 1841 em torno do jornal *L'Humanitaire*. Ambas as sociedades estiveram sobre a influência ideológica de Theodore Dāzamy e aderiram à linha materialista e revolucionária no interior do comunismo utópico francês.

<sup>11</sup> [N.E.I.] Os editores de *The New Moral World* acrescentaram a seguinte nota a esta passagem: “É preciso reiterar que os comunistas icarianos, em seu órgão, o *Populaire*, renegaram, da maneira mais veemente, toda participação



de qualquer forma, as associações secretas são sempre contrárias à prudência comum, na medida em que tornam as partes sujeitas a desnecessárias perseguições legais. Não estou inclinado a defender tal linha de política, mas ela precisa ser explicada, levada em conta; e isso pode ser inteiramente feito pela diferença entre o caráter nacional e o governo da França e da Inglaterra. A constituição inglesa é agora, há cerca de cento e cinquenta anos, ininterruptamente, a lei do país; todas as mudanças foram feitas por meios legais, por formas constitucionais; portanto, os ingleses devem ter um forte respeito por suas leis. Mas, na França, durante os últimos cinquenta anos, uma alteração forçada se seguiu à outra; todas as constituições, da democracia radical ao franco despotismo, todos os tipos de leis foram, após uma curta existência, jogadas fora e substituídas por outras; como podem as pessoas respeitar suas leis? E o resultado de todas essas convulsões, como agora estabelecidas na constituição e nas leis francesas, é a opressão dos pobres pelos ricos, uma opressão mantida pela força - como se pode esperar que os oprimidos amem suas instituições públicas, que não recorram aos velhos truques de 1792? Eles sabem que, se são alguma coisa, o são apenas defrontando força pela força, e não tendo, atualmente, nenhum outro meio, por que deveriam hesitar um momento em aplicá-la? Será dito mais adiante: por que os comunistas franceses não estabeleceram comunidades, como os ingleses fizeram? Minha resposta é: porque eles não *ousam*. Se o fizessem, a primeira experiência seria reprimida pelos soldados. E se sofressem ao fazer isso, não teria utilidade para eles. Sempre entendi que o *Harmony Establishment*<sup>12</sup> é apenas um experimento, para mostrar a possibilidade dos planos do Sr. Owen, se colocados em prática, de forçar a opinião pública a uma ideia mais favorável aos esquemas socialistas para aliviar a agonia pública. Bem, se for esse o caso, tal experimento seria inútil na França. Não mostre aos franceses que seus planos são práticos, porque isso os deixaria frios e indiferentes. Mostre a eles que suas comunidades não colocarão a humanidade sob um "despotismo ferrenho", como disse o Sr. Bairstow, o cartista, em sua última discussão com o Sr. Watts<sup>13</sup>. Mostre-lhes que a liberdade real e a igualdade real só serão possíveis com acordos comunitários, mostre-lhes que a *justiça* exige tais acordos, e então você terá todos do seu lado.

Mas voltando às doutrinas sociais dos comunistas icarianos. Seu "livro sagrado" é a *Voyage en Icarie* (Viagens em Icaria) do Padre Cabet, que, a propósito, foi procurador-geral da

---

em sociedades secretas e afixaram o nomes de seus líderes a documentos públicos, exposições de seus princípios e objetivos".

<sup>12</sup> [N.E.I.] *Harmony* - o nome de uma colônia comunista fundada pelos seguidores de Robert Owen em Hampshire em 1841; a colônia sobreviveu até o início de 1846.

<sup>13</sup> [N.T.A.] A discussão pública entre John Watts, que era um propagandista ativo do owenismo na época, e o porta-voz cartista Jonathan Bairstow ocorreu em Manchester em 11, 12 e 18 de outubro de 1843.

República e membro da Câmara dos Deputados. Os planejamentos gerais para suas comunidades são muito pouco diferentes daqueles do Sr. Owen. Eles incorporaram em seus planos tudo o que era racional que encontraram em Saint-Simon e Fourier; e, portanto, são muito superiores aos antigos comunistas franceses. Quanto ao casamento, eles concordam perfeitamente com os ingleses. Todo o possível é feito para assegurar a liberdade do indivíduo. As punições devem ser abolidas e substituídas pela educação dos jovens e tratamento mental racional dos adultos.

É, no entanto, curioso que enquanto os socialistas ingleses geralmente se opõem ao cristianismo e têm de sofrer todos os preconceitos religiosos de um povo realmente cristão, os comunistas franceses, embora façam parte de uma nação celebrada por sua incredibilidade, são eles próprios cristãos. Um de seus axiomas favoritos é que o cristianismo é comunismo, “*le Christianisme c'est le Communisme*”. Eles tentam provar isso pela Bíblia, o estado de comunidade em que os primeiros cristãos teriam vivido, etc. Mas tudo isso mostra apenas que essas pessoas boas não são os melhores cristãos, embora se autointitulem assim; porque se fossem, eles saberiam a Bíblia melhor e descobririam que, se algumas passagens da Bíblia podem ser favoráveis ao comunismo, o espírito geral de suas doutrinas é, no entanto, totalmente oposto a ele, bem como a qualquer outra medida racional.

A ascensão do comunismo foi saudada pela maioria das mentes eminentes da França; Pierre Leroux, o metafísico; George Sand, a corajosa defensora dos direitos de seu gênero; O abade de Lamennais, autor das *Palavras de um crente*<sup>14</sup> e de muitos outros estão, mais ou menos, inclinados para as doutrinas comunistas. O escritor mais importante nesta linha, entretanto, é Proudhon, um jovem que publicou há dois ou três anos sua obra: *O que é propriedade? (Qu'est ce que la Propriété?)*, onde deu a resposta: “*La propriété c'est le vol*”, propriedade é roubo. Este é o trabalho mais filosófico, por parte dos comunistas, em língua francesa; e, se desejo ver algum livro francês traduzido para a língua inglesa, é este. O direito à propriedade privada, as consequências desta instituição, a competição, a imoralidade, a miséria, são aqui desenvolvidos com uma força de intelecto e investigação científica real, que nunca encontrei reunida num único volume. Além disso, ele faz observações muito importantes sobre o governo, e tendo provado que todo tipo de governo é igualmente questionável, não importa se seja a democracia, a aristocracia ou a monarquia, que todos governam pela força; e que, no melhor dos casos possíveis, a força da maioria oprime a fraqueza da minoria, ele chega, finalmente, à conclusão: “*Nous voulons l'anarchie!*” O que queremos é anarquia; o domínio de

<sup>14</sup> [N.E.I.] F. R. de Lamennais, *Paroles d'un croyant*, 1833.

ninguém, a responsabilidade de cada um para com ninguém além de si mesmo.

Sobre este assunto, terei de falar mais, quando tratar dos comunistas alemães. Devo agora apenas acrescentar que os comunistas icários franceses são estimados em cerca de meio milhão em número, mulheres e crianças não levadas em consideração. Uma falange bastante respeitável, não é? Eles têm um jornal mensal, o *Populaire*, editado pelo Padre Cabet; e, além disso, P. Leroux publica um periódico, o *Independent Review*<sup>15</sup>, no qual os princípios do comunismo são filosoficamente defendidos.

## Alemanha e Suíça

*The New Moral World No. 21, November 18, 1843*

A Alemanha teve seus Reformadores Sociais já na Reforma. Logo depois que Lutero começou a proclamar a reforma da igreja e a agitar o povo contra a autoridade espiritual, o campesinato do sul e do centro da Alemanha levantou-se em uma insurreição geral contra seus senhores temporais. Lutero sempre afirmou que seu objetivo era retornar ao Cristianismo original na doutrina e na prática; o campesinato assumiu exatamente a mesma postura e exigiu, portanto, não só a eclesiástica, mas também a prática social do cristianismo primitivo. Eles descobriram que o estado de vilania e servidão, no qual viviam, era inconsistente com as doutrinas da Bíblia; eles foram oprimidos por um grupo de barões e condes arrogantes, roubados e eram tratados como seu gado todos os dias, eles não tinham nenhuma lei para protegê-los e, se tivessem, não encontrariam ninguém para aplicá-la. Tal estado contrastava muito com as comunidades dos primeiros cristãos e as doutrinas de Cristo, conforme estabelecidas na Bíblia. Portanto, eles se levantaram e começaram uma guerra contra seus senhores, que só poderia ser uma guerra de extermínio. Thomas Münzer, um pregador, a quem eles colocaram à frente, emitiu uma proclamação<sup>16</sup>, cheia, é claro, das tolices religiosas e supersticiosas da época, mas contendo também, entre outros, princípios como estes: de acordo com a Bíblia, nenhum cristão tem o direito de deter qualquer propriedade exclusivamente para

<sup>15</sup> [N.E.I.] *La Revue indépendante*.

<sup>16</sup> [N.E.I.] As ideias revolucionárias comunistas de Münzer, que são mencionadas a seguir, foram expostas em uma série de panfletos por ele publicados na véspera e durante a Guerra dos Camponeses na Alemanha (1524-25), em particular na proclamação: "*Ausgedrückte Entblössung des falschen Glaubens der ungetreuen Welt durchs Zeugnis des Evangelions Lucae, vorgetragen der elenden erbärmlichen Christenheit zur Erinnerung ihres Irrsais*" [Exposição expressa da falsa fé do mundo infiel através do testemunho do Evangelion Lucae, apresentado ao miserável, miserável Cristianismo como uma lembrança de sua loucura], publicado no outono de 1524 em Mulhouse. Posteriormente, Engels chamou esse panfleto de "um artigo altamente instigante" (ver F. Engels, *The Peasant War in Germany*, cap. II; esta edição, Vol. 10).

si; que a comunidade de propriedade é o único estado adequado para uma sociedade de cristãos; que não é permitido a nenhum bom cristão ter qualquer autoridade ou comando sobre outros cristãos, nem exercer qualquer cargo de governo ou poder hereditário, mas, pelo contrário, que, como todos os homens são iguais perante Deus, eles também devem ser na terra também. Essas doutrinas nada mais eram do que conclusões tiradas da Bíblia e dos próprios escritos de Lutero; mas o reformador não estava preparado para ir tão longe quanto o povo; não obstante a coragem que demonstrou contra as autoridades espirituais, ele não se livrou dos preconceitos políticos e sociais de sua época; ele acreditava firmemente no direito divino dos príncipes e proprietários de terras de esmagar as pessoas, como fazia na Bíblia. Além disso, ele queria a proteção da aristocracia e dos príncipes protestantes, e assim escreveu um tratado<sup>17</sup> contra os desordeiros negando não apenas qualquer ligação com eles, mas também exortando a aristocracia a colocá-los com a maior severidade, como rebeldes contra os leis de Deus. “Mate-os como cães!” ele exclamou. Todo o tratado foi escrito com tamanha animosidade, ou melhor, fúria e fanatismo contra o povo, que sempre formará uma mancha no caráter de Lutero; isso mostra que, se ele começou sua carreira como um homem do povo, agora estava inteiramente a serviço de seus opressores. A insurreição, após a mais sangrenta guerra civil, foi reprimida e os camponeses reduzidos à sua antiga servidão.

Se desconsiderarmos alguns casos isoados, dos quais o público não obteve nenhuma notícia, não houve nenhum partido dos Reformadores Sociais na Alemanha, desde a guerra dos camponeses, até uma data muito recente. A opinião pública durante os últimos cinquenta anos esteve muito ocupada com questões de natureza meramente política ou meramente metafísica - questões que precisavam ser respondidas antes que a questão social pudesse ser discutida com a calma e o conhecimento necessários. Homens, que teriam se oposto decididamente a um sistema de comunidade, se tal lhes fosse proposto, estavam, no entanto, preparando o caminho para sua introdução.

Foi entre a classe trabalhadora da Alemanha que a Reforma Social foi recentemente tornada um tópico de discussão. Tendo a Alemanha comparativamente pequena indústria manufatureira, a massa das classes trabalhadoras é composta por artesãos, que antes de se estabelecerem como pequenos mestres, viajam alguns anos pela Alemanha, Suíça e, muitas vezes, também pela França. Um grande número de operários alemães está, portanto, continuamente indo e voltando de Paris, e é claro que devem lá se familiarizar com os

<sup>17</sup> [N.T.A.] Martin Luther, „Ermahnunge zum fride auf die zwelf artickel der Bawrschafft ynn Schwaben. Auch wieder die reubischen und mördisschen rotten der andern bawren". Wittenberg 1525.

movimentos políticos e sociais das classes trabalhadoras francesas. Um desses homens, William Weitling, natural de Magdeburg, na Prússia, e um simples alfaiate assalariado, resolveu estabelecer comunidades em seu próprio país.

Este homem, que deve ser considerado o fundador do comunismo alemão, depois de alguns anos de permanência em Paris, foi para a Suíça e, enquanto trabalhava em uma alfaiataria em Genebra, pregou seu novo evangelho aos seus colegas trabalhadores. Ele formou associações comunistas em todas as vilas e cidades do lado suíço do lago de Genebra e a maioria dos alemães que trabalhavam lá tornaram-se favoráveis às suas visões. Tendo assim preparado a opinião pública, publicou um periódico, a *Geração Jovem*<sup>18</sup>, para uma agitação mais ampla do país. Este artigo, embora escrito apenas para trabalhadores e por um trabalhador, tem sido, desde o seu início, superior à maioria das publicações comunistas francesas, até mesmo ao *Populaire* do Padre Cabet. Mostra que seu editor deve ter trabalhado muito para obter aquele conhecimento de história e política de que um escritor público não pode prescindir e do qual uma educação negligenciada o deixou privado. Mostra, ao mesmo tempo, que Weitling estava sempre lutando para unir suas várias idéias e pensamentos sobre a sociedade em um sistema completo de comunismo. A *Young Generation* foi publicado pela primeira vez em 1841; no ano seguinte, Weitling publicou uma obra: *Garantias de Harmonia e Liberdade*<sup>19</sup>, na qual fazia uma revisão do antigo sistema social e os contornos de um novo. Devo, talvez, algum dia apresentar alguns trechos deste livro.

Tendo assim estabelecido o núcleo de um partido comunista em Genebra e seus arredores, ele foi para Zurique, onde, como em outras cidades do norte da Suíça, alguns de seus amigos já haviam começado a operar nas mentes dos trabalhadores. Ele começou a organizar seu partido nessas cidades. Sob o nome de *Clubes de Cantores*, associações foram formadas para a discussão da Reorganização Social. Ao mesmo tempo, Weitling anunciou sua intenção de publicar um livro, - *The Gospel of the Poor Sinners*<sup>20</sup>. Mas aqui a polícia interferiu em seus planejamentos.

Em junho passado, Weitling foi levado sob custódia, seus papéis e seu livro foram apreendidos, antes de sair do prelo. O Governo da República nomeou um comitê para investigar o assunto e reportar ao Grande Conselho, os representantes do povo. Este relatório foi impresso há alguns meses<sup>21</sup>. Pode-se ver a partir deste relatório que existiam muitas associações

<sup>18</sup> [N.E.I.] *Die junge Generation*.

<sup>19</sup> [N.T.A.] *Garantien der Harmonie und Freiheit*.

<sup>20</sup> [N.T.A.] Em maio de 1843 Wilhelm Weitlings excreveu o livro „Das Evangelium eines armen Sünders“, mas somente apareceu pela primeira em 1845, em Berna.

<sup>21</sup> [N.T.A.] Johann Kaspar Bluntschli, „Die Kommunisten in der Schweiz nach den bei Weitling vorgefundenen

comunistas em todas as partes da Suíça, consistindo principalmente de trabalhadores alemães; que Weitling era considerado o líder do partido e recebia de tempos em tempos relatórios dos avanços; que ele se correspondia com associações semelhantes de alemães em Paris e Londres, e que todas essas sociedades, sendo compostas por homens que muitas vezes mudavam de residência, eram tantos propagadores dessas "doutrinas perigosas e utópicas", enviando seus membros mais velhos para a Alemanha, Hungria e Itália, e impregnando com seu espírito cada trabalhador que estivesse ao seu alcance. O relatório foi elaborado pelo Dr. Bluntschli, um homem de opiniões aristocráticas e fanaticamente cristãs, e, portanto, todo ele é escrito mais como uma denúncia partidária do que como um calmo relatório oficial. O comunismo é denunciado como uma doutrina perigosa ao extremo, subversiva de toda ordem existente e destruidora de todos os laços sagrados da sociedade. O piedoso médico, além disso, está sem palavras suficientemente fortes para expressar seus sentimentos quanto à frívola blasfêmia com que essas pessoas infames e ignorantes tentam justificar suas doutrinas perversas e revolucionárias, por meio de passagens das Sagradas Escrituras. Weitling e seu partido são, a esse respeito, exatamente como os icarianos na França e afirmam que o cristianismo é comunismo.

O resultado do julgamento de Weitling fez muito pouco para satisfazer as expectativas do governo de Zurique. Embora Weitling e seus amigos às vezes fossem muito incautos em suas expressões, a acusação de alta traição e conspiração contra ele não pôde ser mantida; o tribunal criminal o condenou a seis meses de prisão e banimento eterno da Suíça; os membros das associações de Zurique foram expulsos do Cantão; o relatório foi comunicado aos governos dos outros cantões e às embaixadas estrangeiras, mas os comunistas em outras partes da Suíça sofreram muito pouca interferência. A acusação chegou tarde demais e foi muito pouco assistida pelos outros cantões; nada fez pela destruição do comunismo, e até lhe foi favorável pelo grande interesse que produziu em todos os países de língua alemã. O comunismo era quase desconhecido na Alemanha, mas tornou-se com isso um objeto de atenção geral.

Além deste partido existe outro na Alemanha que defende o comunismo. O antigo, sendo um partido inteiramente popular, sem dúvida muito em breve unirá todas as classes trabalhadoras da Alemanha; aquele partido a que agora me refiro é filosófico, desconectado em sua origem dos comunistas franceses ou ingleses e surgindo daquela filosofia da qual, desde os últimos cinquenta anos, a Alemanha tanto se orgulha.

---

Papieren. Wörtlicher Abdruck des Kommissionalberichtes an die H.Regierung des Standes Zürich" [Os comunistas na Suíça de acordo com os documentos encontrados em Weitling. Impressão literal do relatório da comissão ao governo do estado de Zurique], Zürich 1843.

A revolução política da França foi acompanhada por uma revolução filosófica na Alemanha. Kant começou derrubando o antigo sistema da metafísica leibnitziana, que no final do século passado foi introduzido em todas as universidades do continente. Fichte e Schelling começaram a reconstrução e Hegel concluiu o novo sistema. Nunca houve, desde que o homem começou a pensar, um sistema de filosofia tão abrangente quanto o de Hegel. Lógica, metafísica, filosofia natural, filosofia do espírito, filosofia do direito, da religião, da história, todas estão unidas em um sistema, reduzido a um princípio fundamental. O sistema parecia totalmente inexpugnável de fora, e assim era; foi derrubado apenas por dentro, por aqueles que eram hegelianos. Não posso, é claro, apresentar aqui um desenvolvimento completo do sistema ou de sua história e, portanto, devo me limitar às seguintes observações. O progresso da filosofia alemã de Kant a Hegel foi tão consistente, tão lógico, tão necessário, se assim posso dizer, que nenhum outro sistema além daqueles que mencionei poderia subsistir. Existem dois ou três, mas não encontraram nenhuma atenção; eles foram tão negligenciados, que ninguém lhes daria a honra de derrubá-los. Hegel, não obstante seu enorme conhecimento e seu pensamento profundo, estava tão ocupado com questões abstratas que negligenciou a libertação dos preconceitos de sua época - uma era de restauração de antigos sistemas de governo e religião. Mas seus discípulos tinham opiniões muito diferentes sobre esses assuntos. Hegel morreu em 1831, e já em 1835 apareceu a *Vida de Jesus* de Strauss, a primeira obra mostrando algum progresso além dos limites do hegelianismo ortodoxo. Outros o seguiram; e em 1837 os cristãos se levantaram contra o que chamavam de novos hegelianos, denunciando-os como ateus e pedindo a interferência do Estado. O Estado, porém, não interferiu e a polêmica continuou. Naquela época, os novos, ou jovens hegelianos, estavam tão pouco conscientes das consequências de seu próprio raciocínio, que todos negaram a acusação de ateísmo, e se autodenominaram cristãos e protestantes, embora negassem a existência de um Deus que não era homem, e declaravam a história dos evangelhos como uma mitologia pura. Foi somente no ano passado, em um panfleto, do autor dessas linhas, que a acusação de ateísmo foi autorizada a ser justa<sup>22</sup>. Mas o desenvolvimento continuou. Os Jovens Hegelianos de 1842 foram declarados ateus e republicanos; o periódico do partido, *German Annals*<sup>23</sup>, era mais radical<sup>24</sup> e aberto do que nunca; um jornal político foi estabelecido, e logo toda a imprensa liberal alemã estava inteiramente em nossas mãos. Tínhamos amigos em quase todas as cidades importantes

<sup>22</sup> [N.T.A.] Friedrich Engels: „Schelling und die Offenbarung. Kritik des neuesten Reaktionsversuchs gegen die freie Philosophie“ [Schelling e a Revelação. Críticas à última tentativa de reação contra a filosofia livre].

<sup>23</sup> [N.E.I.] *Deutsche Jahrbücher für Wissenschaft und Kunst*.

<sup>24</sup> [N.E.I.] *Rheinische Zeitung für Politik, Handel und Gewerbe*.

da Alemanha; provisionamos todos os jornais liberais com a matéria necessária, para por este meio torná-los nossos órgãos; inundamos o país com panfletos e logo dominamos a opinião pública em todas as questões. Um relaxamento temporário da censura da imprensa acrescentou muito à energia desse movimento, bastante novo para uma parte considerável do público alemão. Artigos, publicados sob a autorização de um censor do governo, continham coisas que, mesmo na França, teriam sido punidas como alta traição, e outras coisas que não poderiam ter sido pronunciadas na Inglaterra, sem um julgamento por blasfêmia por consequência disso. O movimento foi tão repentino, tão rápido, tão vigorosamente perseguido, que tanto o governo quanto o público foram dragados com ele por algum tempo. Mas esse caráter violento da agitação provou que ela não se baseava em um partido forte entre o público e que seu poder era produzido pela surpresa e consternação apenas de seus oponentes. Os governos, recobrando os sentidos, puseram fim a isso com uma opressão despótica da liberdade de expressão. Panfletos, jornais, periódicos, trabalhos científicos foram suprimidos às dezenas, e o estado de agitação do país logo acalmou. É certo que tal interferência tirânica não deterá o progresso da opinião pública, nem apagará os princípios defendidos pelos agitadores; toda a perseguição foi inútil para os poderes governantes; porque, se não tivessem reprimido o movimento, ele teria sido contido pela apatia do público em geral, um público tão pouco preparado para mudanças radicais como o de qualquer outro país; e, se nem mesmo assim fosse, a agitação republicana teria sido abandonada pelos próprios agitadores, que agora, desenvolvendo cada vez mais as consequências de sua filosofia, tornaram-se comunistas. Os príncipes e governantes da Alemanha, no exato momento em que acreditavam ter derrubado para sempre o republicanismo, viram o comunismo surgir das cinzas da agitação política; e essa nova doutrina parece-lhes ainda mais perigosa e formidável do que aquela de cuja aparente destruição eles se regozijaram.

Já no outono de 1842, alguns membros do partido defendiam a insuficiência da mudança política e declararam sua opinião de que uma revolução social baseada na propriedade comum era o único estado da humanidade que concordava com seus princípios abstratos. Mas mesmo os líderes do partido, como o Dr. Bruno Bauer, o Dr. Feuerbach e o Dr. Ruge, não estavam então preparados para este passo decidido. O jornal político do partido, *Rhenish Gazette*, publicou alguns jornais defendendo o comunismo, mas sem o efeito desejado. O comunismo, entretanto, foi uma consequência tão necessária da filosofia neo-hegeliana, que nenhuma oposição conseguiu contê-lo e, no decorrer deste ano, seus criadores tiveram a satisfação de ver um republicano após o outro se juntar às suas fileiras. Além do Dr. Hess, um dos editores da agora suprimida *Rhenish Gazette* e que foi, de fato, o primeiro comunista do partido, há agora muitos outros; como Dr. Ruge, editor dos *German Annals*, o periódico científico dos Jovens



Hegelianos, que foi suprimido por resolução da Dieta Alemã<sup>25</sup>; Dr. Marx<sup>26</sup>, outro dos editores da *Rhenish Gazette*; George Herwegh, o poeta cuja carta ao rei da Prússia foi traduzida, no inverno passado, pela maioria dos jornais ingleses<sup>27</sup> e outros: e esperamos que o restante do partido republicano venha, daqui a pouco, também.

Assim, o comunismo filosófico pode ser considerado para sempre estabelecido na Alemanha, não obstante os esforços dos governos para contê-lo. Eles aniquilaram a imprensa em seus domínios, mas sem nenhum efeito; os partidos do progresso lucraram com a imprensa livre da Suíça e da França, e suas publicações circulam tão amplamente na Alemanha como se fossem impressas naquele próprio país. Todas as perseguições e proibições se mostraram ineficazes e sempre o serão; os alemães são uma nação filosófica, e não podem abandonar o comunismo tão logo esteja fundado em princípios filosóficos sólidos: principalmente se esse deriva de uma conclusão inevitável de sua própria filosofia. E esta é a parte que temos que desempenhar agora. Nosso partido tem que provar que ou todos os esforços filosóficos da nação alemã, de Kant a Hegel, foram inúteis - mais do que inúteis; ou, que eles devem terminar no comunismo; que os alemães devem rejeitar seus grandes filósofos, cujos nomes eles consideram a glória de sua nação, ou devem adotar o comunismo. E isso *será* provado; este dilema os alemães serão forçados, e dificilmente pode haver qualquer dúvida sobre que lado da questão o povo vai adotar.

Há uma chance maior na Alemanha de se estabelecer um partido comunista entre as classes educadas da sociedade do que em qualquer outro lugar. Os alemães são uma nação muito desprendida; se na Alemanha o princípio entra em conflito com o interesse, o princípio quase sempre silencia as reivindicações daquele. O mesmo amor aos princípios abstratos, o mesmo desprezo pela realidade e pelo interesse próprio, que levou os alemães a um estado de nulidade política, essas mesmas qualidades garantem o sucesso do comunismo filosófico naquele país.

<sup>25</sup> [N.E.I.] A Dieta Federal - o órgão supremo da Confederação Alemã (1815-66) consistindo pelos representantes dos estados alemães; defendeu o regime monárquico conservador na Alemanha.

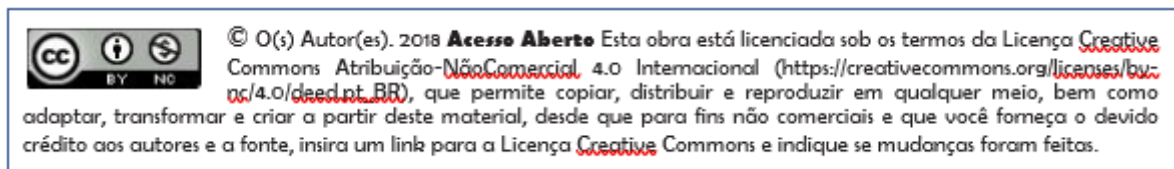
<sup>26</sup> [N.T.] Na época da redação deste artigo Marx e Engels ainda não haviam desenvolvido a relação de amizade e de contribuição teórica e política que marcou a trajetória de suas vidas. Havia ocorrido apenas um rápido encontro entre eles (novembro de 1842), no escritório da *Rheinische Zeitung*, marcado por certa hostilidade da parte de Marx, que viu em Engels os traços de um radicalismo extremista típico dos neohegelianos. Marx reprovava artigos de conteúdo extremista, pois estes punham em perigo o periódico, que se encontrava sob forte vigilância por parte dos órgãos de censura da Prússia. Havia o risco de fechamento do periódico, o que de fato veio a acontecer em 31 de março de 1843 (Marx já o abandonara em 17 de março, devido às pressões do governo prussiano).

<sup>27</sup> [N.E.I.] A referência é a uma carta escrita pelo poeta democrata Georg Herwegh a Frederico Guilherme IV na qual acusava o rei de quebrar sua promessa de introduzir a liberdade de imprensa e, em principalmente, de banir o periódico radical *Der deutsche Bote aus der Schweiz*, que estava sendo preparado para impressão na época. A carta de Herwegh apareceu no *Leipziger Allgemeine Zeitung* em 24 de dezembro de 1842; isso levou ao banimento do jornal e ao banimento de Herwegh de Paris. Na Inglaterra, a carta foi publicada no *The Times* em 16 de janeiro de 1843, no *The Morning Herald* em 17 de janeiro de 1843 e em outros jornais.

Parecerá muito singular aos ingleses que um partido que visa a destruição da propriedade privada seja composto principalmente por aqueles que possuem propriedades; e ainda assim é o caso na Alemanha. Podemos recrutar nossas fileiras apenas nas classes que tiveram uma educação muito boa; isto é, das universidades e da classe comercial; e em qualquer uma delas não encontramos até agora qualquer dificuldade considerável.

Quanto às doutrinas particulares de nosso partido, concordamos muito mais com os socialistas ingleses do que com qualquer outro partido. Seu sistema, como o nosso, é baseado em princípios filosóficos; eles lutam, como nós, contra os preconceitos religiosos, enquanto os franceses rejeitam a filosofia e perpetuam a religião arrastando-a consigo para o novo estado projetado da sociedade. Os comunistas franceses só podiam nos ajudar nos primeiros estágios de nosso desenvolvimento, e logo descobriríamos que sabíamos mais do que nossos professores; mas ainda teremos de aprender muito com os socialistas ingleses. Embora nossos princípios fundamentais nos dêem uma base mais ampla, na medida em que os recebemos de um sistema de filosofia que abrange todas as partes do conhecimento humano; no entanto, em tudo o que diz respeito à prática, aos  *fatos*  do estado atual da sociedade, descobrimos que os socialistas ingleses estão muito adiantados e deixaram muito pouco a fazer. Posso dizer, além disso, que me encontrei com socialistas ingleses com quem concordo em quase todas as questões.

Não posso agora fazer uma exposição deste sistema comunista sem acrescentar muito ao comprimento deste artigo; mas pretendo fazê-lo em breve, se o editor<sup>28</sup> do *New Moral World* me permitir o espaço para isso. Concluo, portanto, afirmando que, não obstante as perseguições dos governos alemães (entendo que, em Berlim, o Sr. Edgar Bauer está sendo processado por uma publicação comunista<sup>29</sup>; e em Stuttgart outro cavalheiro foi detido pelo novo crime de “correspondência comunista!”), não obstante, digo, todos os passos necessários estão sendo dados para provocar uma agitação bem-sucedida pela Reforma Social, para estabelecer um novo periódico e para garantir a circulação de todas as publicações que defendem o comunismo.



<sup>28</sup> [N.T.A.] George Alexander Fleming.

<sup>29</sup> [N.T.A.] Edgar Bauer foi condenado a quatro anos de prisão por seu livro *Der Streit der Kritik mit Kirche und Staat* [A controvérsia da crítica com a Igreja e o Estado], Charlottenburg 1843, que foi confiscado pelo governo prussiano.